

MATRIZ DE PIRENÓPOLIS: Testemunha do Tempo ● Adelmo M. S. Café

Professor Titular aposentado da UFG

Haveria melhor maneira de se compreender a realidade de uma cidade do que caminhar por suas ruas? Nos múltiplos cruzamentos de ruelas (às vezes seculares...) ou no fluxo circulatório das megalópolis modernas, são elas que conferem a uma cidade seu sentido: sua harmonia ou desarmonia.

A industrialização, o êxodo rural e a invasão automobilística trouxeram num curto espaço de tempo profundas transformações no espaço urbano. A estrutura da cidade se desintegra e sua memória vai se diluindo, correndo cada vez mais o perigo de se apagar. Não podemos perder a consciência de que as ruas são depositárias de toda uma história e se tornam por isso mesmo *monumentos* específicos, com uma particularidade própria.

A trama das ruas, por sua vez, define uma paisagem urbana que no nosso contexto histórico assume manifestações diferenciadas de acordo com as características de cada região. Apesar de tais diferenciações, podemos encontrar elementos comuns. Entre elas, destacamos as construções religiosas que, segundo Nestor Goulart em sua obra clássica *Evolução urbana do Brasil*, surgiram com as povoações, desde os primeiros instantes, não apenas para atender à

religiosidade do povo mas igualmente exercendo funções de administração pública atribuídas à Igreja, uma vez que era unida ao Estado. Eram as igrejas paroquiais que realizavam os trabalhos de registro de nascimento, casamento e óbitos... estabelecendo um vínculo permanente e de grande importância entre as populações e a sacristia (1968).

Por outro lado, Germain Bazin em sua obra fundamental, *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*, afirma: “[...] a Igreja mais ainda que na Idade Média dominou toda uma civilização, pois a ausência de uma aristocracia forte impediu o desenvolvimento de uma arquitetura civil” (1983), que acompanhasse a opulência da religiosa.

Diante de tal constatação podemos ampliar o campo de nossas reflexões. O que era a Igreja (templo físico) na Idade Média? Era, antes de tudo, um símbolo. Símbolo da cidade que a construía e que nela projetava sua individualidade, sua presença e seu testemunho, pairando, sobremaneira, sobre a paisagem urbana: convergência não apenas de uma vida espiritual, mas igualmente social. Mas ao apresentá-la como um símbolo somos naturalmente levados a uma indagação: o que é um símbolo? E recorro-me a Jean Chevalier que, na introdução ao seu denso *Dicionário de símbolos*, ensina:

[...] um símbolo escapa a toda e qualquer definição. É próprio de sua natureza romper os limites estabelecidos e reunir os extremos numa só visão. Assemelha-se à *flecha que voa e que não voa*, imóvel e fugitiva, evidente e inatingível. As palavras serão indispensáveis para sugerir o sentido ou os sentidos de um símbolo: mas lembremo-nos sempre de que elas são incapazes de expressar-lhe todo o valor (1990).

Depois de afirmar que a percepção do símbolo é eminentemente pessoal, prossegue: “tem precisamente essa qualidade excepcional de sintetizar, numa expressão sensível, todas as influências do inconsciente e da consciência, bem como as forças instintivas e espirituais, em conflito ou em vias de se harmonizar no interior de cada homem” (1990).

Podemos agora nos aproximar um pouco mais do núcleo de tais reflexões, motivadas que foram pela história da matriz Nossa Senhora do Rosário de Pirenópolis, tão dramaticamente interrompida na trágica madrugada de 5 de setembro de 2002.

Que Pirenópolis desempenha o privilégio de berço de tradições não é preciso justificar, basta lembrar suas festas populares, destacando-se entre elas as cavalhadas, e a expressão de sua religiosidade até hoje presentes. Iniciada sua construção em 1732 e dada como terminada em 1769, sempre exerceu a função de centralizar a vida religiosa de sua comunidade. Associada a esta função, seu destaque no contexto da paisagem urbana, é que nos permitiu aproximá-la da expressão de símbolo da cidade, buscando sua origem histórica na Idade Média.

Mas, até que ponto a persistência de tal valor se manifesta nos dias de hoje? Dos milhares de visitantes que passam a seu lado, quantos teriam a consciência do drama do qual ela se tornou protagonista? Os olhares apressados, que não se *apossam* das imagens que chegam aos olhos, teriam sido acompanhados por alguma reflexão ou questionamento que pudessem descerrar o véu que encobre aquele testemunho silencioso? São indagações que ficam no ar, porquanto suas respostas não transcendem ao individual.

Um adendo final para esclarecer a questão de conceituação. Ao citar a obra de Germain Bazin (1983) que traz o barroco em seu título, é bom lembrar o excelente trabalho da Prof^a Myrian Andrade Ribeiro de Oliveira, que sem dúvida é uma das mais autorizadas no conhecimento da arte brasileira do período colonial. A autora inicia sua obra, o *Rococó religioso no Brasil*, com a advertência de que

uma extrema gama de manifestações diversificadas e as divergências de opinião que ainda hoje separam os autores, entre os quais subsistem os que teimam em incorporar o rococó a outros estilos ou considerá-lo etapa final de barroco (2003).

Isto nos permite concluir que quanto à sua morfologia a matriz de Nossa Senhora do Rosário, em sua simplicidade, é um bom exemplo da presença entre nós de uma manifestação do rococó. ✨